

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Laís Vieira de Castro Carvalhosa

**PROJETO DE OFICINAS CULTURAIS NA COMUNIDADE DO
MORRO DO PALÁCIO**

Rio de Janeiro

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Laís Vieira de Castro Carvalhosa

**PROJETO DE OFICINAS CULTURAIS NA COMUNIDADE DO
MORRO DO PALÁCIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Produção Cultural, do Instituto de Artes e Comunicação Social da Faculdade de Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Produtor Cultural.

Rio de Janeiro

2020

DEDICATÒRIA

Para minha amada avó Célia, por me transformar na pessoa que sou hoje, pela parceria na vida, por todo apoio e tietagem. Gratidão por me fazer acreditar.

Para minha mãe, Lavini por me fazer enxergar o quanto preciso aprender, por seu amor e cumplicidade nas horas boas e ruins.

Para minha irmã Ana por ser aquela que me faz aprender o amor entre irmãs e todas as descontrações necessárias na atual conjuntura que é escrever um TCC em tempos de covid-19

Para meu pai Romulo, por todo aprendizado e amor.

RESUMO

PROJETO DE OFICINAS CULTURAIS NA COMUNIDADE DO MORRO DO PALÁCIO

O presente trabalho pretende desenvolver um Projeto de Produção de Cultura Popular refletindo o contexto de quarentena por conta da covid-19. Partiremos do conceito de homem ordinário de Certeau (1998) para entender a fragilidade da ordem hegemônica estabelecida no presente contexto de confinamento. Diante o cenário atual da pandemia observamos a produção da cultura popular se reinventar em espaços online, fragilizando a ordem na qual estava inserido o “homem ordinário”. Um novo comportamento é definido por meio da prática e da ação em busca da sobrevivência quebrando antigos paradgmas de ordem, em que se possibilita reflexão da sociedade, como por exemplo, o uso do espaço online que permite maior interação da população em se reinventar.

Palavras-chave: Cultura Popular, Homem Ordinário, Ideologia, Quarentena, “Novo Normal”

SUMÁRIO

Introdução	Produção Cultural em tempos de Pandemia Desafios e Sobrevivências	06
1.1	Desvendando caminhos metodológicos	06
1.2	Os entraves na produção cultural em tempos de quarentena	09
Capítulo 2	Referencial Teórico	11
2.1	Novo Normal X Projeto Cultural	15
2.2	Um homem ordinário em busca do “novo normal”	18
	Considerações Finais	25
	Referências Bibliográficas	26

1. Introdução

Este trabalho tem o interesse de formar um constructo teórico para o Projeto de Oficinas Culturais na Comunidade do Morro do Palácio. Nesse sentido, buscamos através da teoria do homem ordinário de Certau, interagindo com o conceito de ideologia formulado à luz de Marilena Chauí, Gramsci e Stuart Hall este último em diálogo com Althusser, vislumbramos a reformulação do comportamento social e produção cultural em tempos de pandemia. Isso porque entendemos a relação entre a lógica ordinária e a maneira como uma ideologia, que se faz dominante, tentam agir para o enquadramento dos corpos impondo hegemonias, concepções de mundo formadas a partir da interpretação de ideias e valores que buscam direcionar ação dos indivíduos na sociedade.

Nesse sentido, concordamos com Hall ao identificar ideologia como pensamento prático, em que todos os grupos são capazes de organizar concepções de mundo como ideias de poder contra-hegemônico. Explicação semelhante ao que Certeau (1998) disse sobre ser a presença e circulação de uma representação não significar imposição direta, pois na relação de tentativa de enquadramento esconde a manipulação do que é consumido. A cultura que se faz dominante força um consumo que muitas vezes pode não ser consumido, o fato é que os grupos dominados interagem nessa cultura dominante para sobreviver, mas se apropriam dela e a ressignificam.

Considerando a discussão gerada neste constructo teórico do Projeto apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, separamos os tópicos a seguir, para efeito puramente didático, em subitens que desenvolvem o entendimento da narrativa teórica.

1.1 – Desvendando caminhos metodológicos

Para construir um conhecimento científico precisamos adotar procedimentos metodológicos de observação do objeto que se pretende analisar. O objeto de análise desta pesquisa é a produção cultural no cenário da pandemia de covid-19. Este texto baseia-se num projeto de produção cultural popular a ser pensado sua execução no cenário pandêmico. Nesse sentido pensou-se a construção teórica embasada nos argumentos de Michel de Certeau a respeito do conceito de “homem ordinário”. Sabendo que a construção teórica e a prática científica não podem partir de um saber único e acabado, entendemos a importância desse trabalho como sendo uma possibilidade de pensar o cenário de produção cultural em termos de covid-19 sabendo que outros olhares nos

ajudaram a entender a demanda atual no campo cultural, ou seja, novas outras pesquisas precisam ser feitas para nos auxiliar a refletir a realidade atual.

A finalização de um texto acadêmico percorre um grande caminho até chegar a possibilidade de resultado sobre a hipótese pensada. Este é um trabalho acadêmico em formato de projeto. Nosso interesse é refletir possibilidades de promoção cultural diante do contexto de quarentena. Nossas perguntas são: Como produzir cultura popular quando a população esta em confinamento? Haveria possibilidade de produzir cultura nesses termos? Que políticas públicas seriam capazes de suscitar a produção cultural?

Trazemos uma possível resposta através da lei Aldir Blac/Lei de Emergência Cultural, uma lei federal lei federal 14.017/2020, tem como objetivo central estabelecer ajuda emergencial para artistas, coletivos e empresas diante das dificuldades financeiras durante a pandemia. Essa lei foi criada em homenagem ao compositor e escritor Aldir Blanc que morreu em maio, vítima da covid-19. A lei federal 14.017/2020 tem a intenção de incentivar a cultura e garantir renda emergencial para trabalhadores da cultura.

Os beneficiários da cultura seriam: artistas, contadores de história, produtores, técnicos, curadores, oficinairos e professores de escolas de arte e capoeira, participantes da cadeia produtiva da arte e cultura local. Haveria um auxílio mensal, no valor de R\$600,00, por três meses e se for mulher provedora de família R\$ 1.200,00 por mês. Identificamos o elemento racial e de gênero nessa lei que nos leva a pensar a projeção dessa lei atendendo também os grupos populares, pela evidência da capoeira e por se pensar a mulher como chefe de família.

De acordo com o rapper e produtor cultural Alexandre Campos, morador da favela do Jacaresinho e integrante do Coletivo Pac’Stão fala da dificuldade de se produzir cultura ou sobreviver dela no cenário aqui discutido, até porque antes da pandemia de covid-19 a cultura nunca havia sido “protagonista quando se trata(va) de assistência dos governos”, disse o rapper (Cannabrava, 2020)

Vejamos sua opinião completa:

“O cenário já era bem complicado e com essa pandemia as coisas pioraram ainda mais. Todos os eventos que estavam marcados foram adiados ou cancelados, o que gerou um desemprego enorme para produtores de cultura. Muitos artistas que contavam com o dinheiro de suas apresentações hoje estão com dificuldades de arrumar uma renda, assim como os produtores de eventos não conseguem mais organizar os seus. Assim, fica difícil levar a comida para casa. Pouco se fala sobre editais do governo para beneficiar a cultura, principalmente a cultura periférica, cujos artistas estão mais vulneráveis. Existem várias

recomendações da OMS que a gente tem que seguir para preservar as nossas próprias vidas, pois quem trabalha com arte dificilmente vai conseguir se aposentar como artista se não tiver um outro trabalho formal, relata o rapper” (Cannabrava, 2020)

De acordo com dados do IBGE de 2018, cerca de 5 milhões de pessoas trabalham no setor cultural brasileiro. O total de 5,7% são os trabalhadores desse setor. Segundo informações contidas no site, www.nexojornal.com.br, a estimativa para o ano de 2017, retirada do “Atlas Econômico da Cultura Brasileira”, lançado pelo Ministério da Cultura, o setor cultural foi responsável por 2,64% do PIB (Produto Interno Bruto).

Nesse sentido percebemos o quanto é importante as ações de políticas públicas diante desta realidade. Até porque antes do cenário de covid-19 no ano de 2019 a Prefeitura do Rio de Janeiro já havia proibido as apresentações de artistas de rua em meios de transportes com a alegação de ser prejudicado o sossego dos passageiros.

Todo cientista social deve se comprometer com a observação dos fatos. A princípio, a observação pode ocorrer de forma espontânea mas logo pode ser emitido um alerta aos detalhes que provocam a formação das primeiras hipóteses. “Por isso, não basta ver, é necessário olhar”, fala-nos Severino (2007, p.102). Nos olhamos para a questão da dificuldade de se fazer cultura em tempos de pandemia.

Nossas hipóteses iniciais são:

- Diante o cenário atual da pandemia de covid-19, a produção da cultura popular se reinventa em espaços online.
- A ordem na qual estava inserido o “homem ordinário”, refletido neste trabalho, apresenta-se em crise levando a se pensar novas maneiras de comportamento cultural.
- O espaço online em que é possível se reinventar, produzir e consumir cultura pulveriza e diversifica as produções democratizando o acesso as diferenças, com muitas ressalvas à ideia de democracia, pois sabemos de parcela da população brasileira que não tem acesso online.

Entender a importância de todo resultado é esplêndido, mas a preferência em saborear o processo, conforme nos advertiu Bourdieu (2004), em “O poder simbólico” é uma boa estratégia de trabalho, pois aprende-se a gostar do percurso do desenvolvimento de leitura e escrita de um projeto de TCC.

Para objetivos desta pesquisa, trabalhamos epistemologicamente por meio da tradição dialética, pois concebemos a relação sujeito/objeto como uma interação social

formada ao longo do tempo histórico. Nessa tradição filosófica, o conhecimento não é isolado da relação política dos homens. Nesse sentido, saber é poder em que as ações humanas ocorrem por uma intencionalidade que confere lógica às transformações sociais ou manutenções ideológicas. Por esse ângulo, ser membro de um grupo étnico e estar consciente do valor de sua cultura acarreta na defesa política dos sujeitos sobre a existência de seu grupo e cultura na sociedade, pois a participação cultural permite a construção de um sujeito histórico integrado e representado em sociedade.

1.2 – Os entraves na produção cultural em tempos de quarentena

A sociedade no geral sempre esteve ligada a arte e cultura mesmo que sem perceber no dia-a-dia. Consumíamos filmes, novelas, frequentávamos shows, teatros e cinema sem muita adversidade. Porém, no cenário de quarentena devido a pandemia do Covid-19, perdemos a liberdade de frequentar tais lugares por conta das aglomerações. Em consequência a isso, surgiram às popularmente chamadas Lives, um meio em que artistas da música em sua maioria cantores, no início da quarentena, conseguiram para se apresentar, juntar doações através do público e ganhar dinheiro através de grande marcas que os patrocinavam. Logo após as lives surgiram os drive-ins, que foram formas de assistir filmes como se estivéssemos no cinema e artistas de teatro, stand up comedy, músicos se apresentarem para os públicos dentro de seus carros.

Houve muitas críticas a essa nova forma de acessar essas artes, ainda mais no Brasil, pois somos o país com mais infectados e mortes devido a doença falta conscientização tendo em vista a má administração do estado sobretudo por estarmos passando por essa crise sem um ministro da saúde. Tais formas de fazer cultura ainda assim são uma forma de flexibilizar a quarentena.

Um dos casos que mais tiveram críticas foi o show que a dupla de sertanejo Jorge e Mateus fez num lago de um resort em Brasília, para pessoas que só poderiam acessar com iates, lanchas e jet skis. Além de ser uma forma elitista para acessar o show os barcos, iates e lanchas estavam super lotados ou seja, o show da dupla foi motivo para aglomerações.



Fonte: <https://revistaforum.com.br/midia/jornalistas-sao-expulsas-de-show-da-dupla-sertaneja-jorge-e-mateus-apos-expor-aglomeracao/>

Na imagem anterior retirada do site revistaforum.com.br podemos reparar que além da aglomeração às pessoas que fizeram parte do público deste evento estão sem máscaras.

Com este caso devemos nos perguntar e pensar em como produzir arte em meio a esta pandemia, se há formas corretas ou não de fazê-la.

De acordo com a Organização Mundial da saúde (OMS) nós devemos fazer a utilização de máscaras por todas as pessoas onde houver transmissão ampla da doença e em situações em que o distanciamento social não é possível, como no transporte público.

Algumas outras recomendações retiradas no site da saúde do governo federal: “Para evitar a proliferação do vírus, o Ministério da Saúde recomenda medidas básicas de higiene, como lavar bem as mãos (dedos, unhas, punho, palma e dorso) com água e sabão, e, de preferência, utilizar toalhas de papel para secá-las. Além do sabão, outro produto indicado para higienizar as mãos é o álcool gel, que também serve para limpar objetos como telefones, teclados, cadeiras, maçanetas, etc. Utilizar lenço descartável para higiene nasal é outra medida de prevenção importante. Deve-se cobrir o nariz e a boca com um lenço de papel quando espirrar ou tossir e jogá-lo no lixo. Também é necessário evitar tocar olhos, nariz e boca sem que as mãos estejam limpas”.

No site da OMS eles pedem para que haja pelo menos 1 metro de distância entre às pessoas, principalmente aqueles que tosse, espirram e têm febre. Também solicitam que evitem tocar seus olhos, nariz e boca, pois as mãos tocam muitas superfícies que podem estar contaminadas com o vírus e assim poderá transferir o vírus da superfície para si mesmo.

Visto essas recomendações percebemos que não é momento para que haja aglomerações. O Brasil está saindo da fase de lockdown sem ao menos ter tido de fato essa fase. Muitas pessoas não puderam fazer quarentena por não ter a opção de ficar em

casa sem trabalhar. Muitas outras pessoas não quiseram ficar em casa. E infelizmente não é momento para qualquer tipo de aglomeração desnecessária.

2 - Referencial Teórico

Às práticas maneira de fazer cotidianas cessaram por conta da quarentena. Diante da pandemia o cotidiano se inventa. Nesse sentido nos perguntamos: Como ficará a relação social? Pois é a partir da relação que se determina a forma os termos diante da racionalidade que domina o ocidente.

Portanto o objetivo dessa pesquisa é refletir novos esquemas de ação ou modos de operação (CERTEAU, 1998, pag. 38) na medida em que cada indivíduo, sendo uma pluralidade incoerente e contraditória nas relações é capaz de se reinventar, nem sempre sendo passivo ou dócil enquanto usuário de uma prática cotidiana, também inventada em outro contexto ou momento histórico.

Dessa forma é importantíssimo refletir sobre o consumo cultural em tempos de pandemia. Observamos o crescimento do tipo de consumo online, através das redes sociais, dos produtos culturais, da produção do conhecimento além da arte teatral, ou seja o mundo online adentrou nossas vidas sem causar muito estranhamento, pelo contrário pareceu fazer certo sentido diante o confinamento.

De antemão lançamos a hipótese de ser provável que, o usuário consumidor da cultura, do conhecimento, do entretenimento, não seja tão afetado pela racionalidade dominante do ocidente, por sua logística da ordem, pois não há mais como aprisionar os corpos, parece soar contraditório em tempos de pandemia e confinamento, contudo não há como exercer força e poder nas relações do sujeito com aquilo que se é consumido.

O consumo diante de tal contexto fica bastante subjetivo, individual e específico, em outras palavras, o indivíduo, para consumir algo, precisa estar muito interessado, do contrário pode fingir presença, mas estar com a câmera do dispositivo de acesso às redes fechadas. O enclausuramento forçado pela pandemia gerou algo que pode soar contraditório, ao mesmo tempo em que nos aproximou da vida online nos liberou da racionalidade ordinária inventada na modernidade, melhor dizendo o estar presente hoje requer mais vontade e dedicação em tempos de realização cultural do que anteriormente.

De acordo com Certeau apesar de haver controle da produção cultural não há como vigiar o que os consumidores fazem com os produtos (Certeau, 1998, p. 39).

A maneira de empregar o que se faz com o que se consome como produção cultural é próprio de cada sujeito ou mesmo uma coletividade de sujeitos que se assemelham por espaço geográfico, tradição ou história de vida. Assim fica claro o equívoco do sucesso do processo de aculturação dos colonizadores espanhóis, sobre os grupos indígenas (CERTEAU, 1998), em que se pensou estar “civilizando” corpos quando, na verdade, o que ocorria era a troca, mesmo que em menores proporções. Não podemos negar os recursos facilitadores dos grupos hegemônicos, mas não podemos ser ingênuos e acreditar que não há produção cultural vinda dos “de baixo”. Esta percepção nos ajuda a vislumbrar impraticabilidade da docilização dos corpos, também, no atual contexto da quarentena.

Todavia, se por um lado, estar enclausurado representa um avanço comunicacional online, por outro, não garante a adesão plena de que o produto está sendo consumido conforme o produtor espera. Não havendo presença física, não há como ter pleno controle sobre o consumo cultural, nem o que ele, de fato, representará.

O consumo cultural refere-se ao estilo, personalidade, interesse, hoje mais ainda, pois não precisamos ficar aprisionados num determinado espaço, apesar de estarmos “presos” à tecnologia, a relação com aquilo que consumimos tornou-se mais fluída, pois celebridades e anônimos passaram a usar as redes para demonstrar sua produção tornando o espaço de produção online mais competitivo, o consumidor ficou mais exposto a diversidades de produtos fato que pode gerar o acesso rápido às plataformas, nem sempre a fidelização do consumo.

Nesse sentido, fica a questão: como consumir cultura popular em tempos de pandemia? Primeiro precisamos definir cultura. Utilizaremos o conceito de Gramsci sobre cultura, em que o pensador afirma que cultura não é a simples aquisição do conhecimento, mas sim posicionar-se diante da história na busca de direitos e liberdade (GRAMSCI, 2000). Lavini Castro em sua dissertação de mestrado intitulada Leituras Evangélicas Frente ao Estudo da Cultura e História do Negro na Educação Brasileira trabalha o conceito de cultura de Gramsci. Vejamos:

Gramsci (2001) se preocupa com o desenvolvimento daquilo que chamamos de cultura política; que insere observar e criticar a ordem das coisas. Para ele cultura não é a simples aquisição do conhecimento, mas sim posicionar-se diante da história na busca de direitos e liberdade. Então, para o pensamento gramsciano, participar da cultura da sociedade é fazer parte da história, ver-se representado no contexto sociocultural e transformar a realidade. A maneira como os aspectos

culturais de uma determinada sociedade se estrutura auxilia a entender os tipos de ações políticas como forma de criar ou reproduzir a hegemonia de um grupo sobre outro. Este poder, segundo Gramsci (2001), é garantido através do controle sobre o sistema educacional, ou pelas instituições religiosas ou meios de comunicação. (CASTRO, 2019, pág 22)

Nesse sentido, o ato de participar da cultura da sociedade é fazer parte da história, ver-se representado no contexto sociocultural e transformar a realidade. Por outro lado, ao consumirmos cultura em diversos espaços, comunidades, praças públicas, igrejas, terreiros, escolas, tv, plataformas, podemos ficar reféns de representações que podem se impor como leis de um determinado grupo que faz dominante e tem interesse em passar sua visão de mundo. Entretanto, somos sujeitos capazes de criar e nos recriar. Somos capazes de criar novas consciências e concepções de mundo (HALL, 2018) Isto porque ideologia não é apenas um atributo da classe dominante para nos impor como hegemonia. Na verdade, ideologias são pensamentos práticos pertencentes a todos os grupos. Ou seja, todos os grupos são capazes de organizar uma forma particular de poder, e nesse ínterim organizam também suas culturas, práticas, ressignificam antigas práticas e culturas no tempo e espaço através da organização de novas consciências e concepções de mundo.

Se todos os grupos são responsáveis por formar conceitos ideológicos para satisfazer seus interesses sociais, políticos, econômicos e porque não dizer também culturais, precisaram se reinventar em tempos de pandemia para não sofrerem silenciamentos e apagamentos de seus produtos culturais, ainda mais a cultura popular, feita pelas minorias, que diante preconceitos e estereótipos já sofria historicamente processos de marginalização e invisibilidade.

Para produzir em meio a pandemia, precisa-se da utilização de plataformas digitais. Não sendo espaço físico há maior probabilidade de ocorrerem maior produção nos mesmos horários em que um produto não interfira em outro, amplia-se assim a quantidade de produtos a serem consumidos de forma mais instantânea acaba que com isso teremos maior chance de concorrência e diversidade de escolha do que consumir dando maior oportunidade e liberdade de escolhas ao consumidor.

Facilita-se também, por outro lado, a produção de indivíduos não atrelados a instituições, agremiações, coletivos, produtoras... Assim, como o consumo torna-se mais independente a produção também. O diálogo entre produtor e consumidor torna-se mais estreito. Temos motivos para pensar que a conexão se fará por afinidades individuais, afetivas, concretizada por maior interesse aquele que recebe.

Às relações sociais ainda permanecem duais e marcados por tensões. Hierarquias dominantes versus minorias subalternas, contudo se pulveriza mais a influência da produção hegemônica sobre as produções lidas como subalternas/populares, porque se em contextos pré-pandemia a presença e circulação de uma representação hegemônica já não indicava, de modo algum, o que ela era para seus usuários (Certeau 1980, p.40) tal distanciamento em tempos de covid-19, afastou ainda mais os corpos e tornou às relações sociais mais soltas em relação às imposições, ficando a decisão inteiramente ao cargo do individual.

De acordo com Certeau:

“Supõe que à maneira dos povos indígenas os usuários façam uma bricolagem com e na economia cultural dominante, usando inúmeras e infinitesimais metamorfoses da lei, segundo seus interesses próprios e suas próprias regras. Desta atividade de formigas é mister descobrir os procedimentos, as bases, os efeitos, as possibilidades (Certeau,1980, p.40).

Nesse sentido precisa-se entender o jogo de apropriação e reapropriação dentro das relações sociais, imbuídos em trocas culturais constantes mesmo entendendo que alguns grupos transitam nesses espaços sociais com mais força, pois tem maior aparato tecnológico, mesmo assim não produzem de forma exclusiva como muitos preferem interpretar.

Dialogando com Foucault, que entende o funcionamento do poder direcionado a todos os indivíduos, ou seja, todos os indivíduos são capazes de produzir poder, Certeau (1998) entende que tal perspectiva sobre o poder interage nas maneiras de fazer. Logo se o poder é algo generalizado a maneira de fazer daqueles que consomem e produzem cultura também o será. Porém toda essa dinâmica não ocorrerá instantaneamente mas nas relações cotidianas.

Na atual conjuntura não há como incidir tanta ordem/regras sobre os corpos. Às relações se fazem de forma online, numa diversidade de plataformas gratuitas que facilitam a concorrência pelo espaço de divulgação da produção cultural, não há exclusividade. Inclusive grandes emissoras de TV e Rádio já perceberam tal ressignificação da prática do fazer online e criaram seus espaços online. O sujeito tem a possibilidade de estar/permanecer ou estar/sair das plataformas, ou mesmo é possível permanecer conectado sem estar presente, basta silenciar o microfone e fechar a câmera, novos comportamentos podem gerar maiores chances de rejeição daquilo que se produz

sem compartilhar, ou pode-se também aumentar o número de seguidores fiéis ao trabalho/produto.

Temos o caso do Vitor Chaves Zapalá Pimentel da dupla sertaneja Victor e Léo que estavam no auge da carreira mas devido a polêmica envolvida por ele de agredir fisicamente, psicologicamente e verbalmente sua companheira, não só perdeu seguidores e fãs como também houve o fim da dupla.

Às maneiras de fazer representa a reapropriação do espaço em que incide às práticas hegemônicas. O fazer popular de acordo com Certeau (1998) é diferente de fazer elitista. A cultura popular se formula a partir de consumos combinatórios e utilitários (Certeau, 1998, p.42).

Sendo assim, a produção de cultura popular pode ocorrer por meio do ato de fazer e agir ou pode ocorrer apropriação cultural através de combinações e meios utilizáveis daquilo que se consome.

2.1 - Novo Normal X Projeto Cultural

Visto que estamos atravessando uma pandemia e pensando em como realizar projetos culturais e artes no geral, precisamos repensar em como será realizar o projeto deste TCC numa pós-pandemia. A princípio num cenário positivo a vacina sairia em dezembro de 2020. Com isto a partir do próximo ano já teríamos como realizar eventos ainda tomando os devidos cuidados. Em países (principalmente os desenvolvidos) que houve, de fato, o lockdown, mas recentemente já está sendo possível fazer show, frequentarem bares e restaurantes quase que “normalmente”. Um normal com novas normas de funcionamento, mas desejoso de serem mantidos antigos comportamentos. O “voltar ao normal” ainda é uma crítica para muitos cientistas, que enxergam de maneira negativa visto que mesmo com o números de casos diminuindo – essa diminuição é criticada – ainda não há de fato uma vacina pronta para a população¹.

Pensando numa pós-pandemia o projeto seria realizado de uma forma a contemplar parte da população que mais ficou prejudicada com esta pandemia. Visto que muitas pessoas moradoras da comunidade não puderam ter o privilégio de fazer quarentena, pois tinham que ir às ruas trabalhar para não passar fome.

¹ Enquanto a escrita deste TCC era desenvolvida a Rússia anunciou a vacina contra a covid-19.

A Dra Maria Aparecida Rhein Schirato descreve o novo normal pós-pandemia e reflete a respeito de possíveis cenários numa entrevista concedida ao site Insper.edu.br. Schirato repensa o conceito de normalidade e nos faz avaliar o conceito do que é comum, que na verdade é como um: o que tem de mim e que me identifico; e o que eu tenho do outro e que ele se identifica (Schirato, 2020)

A construção de um padrão de comportamento vem desse jogo de identificação, nessa identificação exitosa. Por exemplo, é assim que se criam opiniões, com as pessoas comungando dos mesmos hábitos, para Schirato:

Quando isso é normal? O comum leva ao conceito de normalidade quando aquele padrão estabelecido como um, de todos, de alguma forma garante sobrevivência e proteção àqueles que fazem parte. Quando a sobrevivência e a proteção ficam ameaçados, já não consideramos algo como normal. Por exemplo: é comum que jovens utilizem substâncias ilícitas. Mas não é normal, pois estão ameaçando suas próprias vidas.

A normalidade, portanto, seria a constituição de um padrão que assegura às pessoas que estão contidas nele uma certa proteção, segurança, continuidade, e, portanto, sobrevivência. (Schirato, 2020)

Na pós-pandemia, o novo normal seria a proposta de um novo padrão que possa garantir nossa sobrevivência (Schirato, 2020). Nesse sentido, precisamos refletir a respeito da sobrevivência da cultura e o padrão pensado para assegurar a sua produção. Identificamos na formação de políticas públicas e no espaço on-line um caminho para o início de um padrão de nova normalidade. Pois os trabalhadores da cultura poderiam sobreviver, por meio de leis que amparassem os trabalhadores e poderiam utilizar o espaço on-line para manter a produção cultural.

O novo normal avaliado por Schirato está relacionado a segurança, portanto a proposta feita pelas autoridades foi o kit Covid. Vejamos;

O que está sendo proposto, agora, é um *kit Covid*. Um kit de segurança. Vamos ter que andar com máscara, mais contidos, menos expansivos, como se estivéssemos no frio. Guardando certa distância, talvez com luvas e, de certa forma, nos primeiros dias, vamos achar tudo muito estranho, mas a garantia da segurança de que não vamos ficar doentes e não transmitiremos doenças fará com que assimilamos esse kit de uma forma indolor. (Schirato, 2020)

Ou seja, entraremos em um novo padrão de normalidade. Reforçando, normalidade é o padrão que me garante sobrevivência dentro de um grupo. Logo vamos

nos habituar com esse *kit Covid* e, certamente, sentiremos falta se não o utilizarmos. (Schirato, M. 2020)

Para Schirato (2020) há cada vez mais debates sobre o novo normal devido a busca de segurança, que mesmo com a criação de uma vacina num futuro próximo, há a possibilidade de uma segunda onda universal de contágio e/ou possibilidade de mutação do vírus que estamos enfrentando atualmente, que faria com que a atual vacina que ainda não saiu não desse conta da possível volta do vírus mutado.

De acordo com Schirato:

(...)descobrimos algumas vantagens desse novo modelo. Temos alternativa de *home office*, atualmente, e estamos vendo que funciona – descobrimos que é possível e econômico. Percebemos que não precisamos percorrer grandes distâncias ou enfrentar chuvas torrenciais para fazermos reuniões. Continuamos em casa e fazemos nossa própria comida. O trânsito é menor e temos menos poluição. (Schirato, M. 2020)

Essa discussão sobre o novo normal está mostrando que é possível uma nova forma de viver, entretanto o novo normal não atenderia muito a produção cultural, pois a produção cultura principalmente de caráter popular, periférica, geralmente ocorre em espaços de grandes aglomerações e esse quesito ainda não faz parte do novo normal.

O termo novo normal pode trazer uma sensação de medo e ansiedade. O novo, de alguma forma, me desinstala do que já conheço. Com o novo, espero um padrão de vida que não me pertence ainda. O novo vem carregado de necessidade de mudança, e a mudança é algo profundamente traumático e assustador. (Schirato, M. 2020)

Mas precisamos pensar no *kit Covid* e no comportamento decorrente dele, que constitui o *novo*, um novo modelo fundamentado e legitimado pela necessidade de segurança que esse equipamento vai nos trazer. Assim, começamos a lidar com o novo com menos ansiedade. (Schirato, M. 2020)

Ou seja, a partir da entrevista dada pela filósofa Maria Aparecida Rhein Schirato percebemos que um novo normal seria sempre tomando os cuidados básicos de higiene e saúde como, andar de máscara, passar sempre álcool em gel e evitar aproximação das pessoas. E a partir daí pensaremos nossa oficina tomando estes cuidados básicos mesmo sendo pós-pandemia. Oferecendo máscara para os participantes das oficinas, incluindo a utilização de álcool em gel na entrada e ao redor do local da realização do mesmo e evitando aproximação e tumulto para todos às pessoas que participarão do projeto. Se

possível faremos o projeto em mais de um dia para contemplar mais pessoas sem aglomerações.

2.2 – Um homem ordinário em busca do “novo normal”

Organizar um projeto cultural em tempos de pandemia de covid-19 nos faz refletir a crise da ordem moderna na qual o homem ordinário de Certeau está inserido.

Até então, de forma geral, nossa forma de pensar organização das instituições e leis estavam afinadas com a lógica da modernidade. Tal lógica projetou o homem ordinário como aquele que precisava se enquadrar no sistema do qual, muitas vezes não via representado. Por outro lado, ao sujeito enquadrado nos preceitos de uma determinada sociedade não era permitido que tivesse responsabilidade própria, a culpa era do outro e como o outro também era um elemento sem responsabilidade a culpa recaía no destino.

O atual cenário nos faz refletir sobre nossas ações, contudo antes da existência do vírus da covid-19 a humanidade já vinha demandando pautas questionadoras da ordem moderna. É possível perceber questionamentos do pensamento iluminista sobre a questão da igualdade, universalidade, entre outros valores universais desde o final do século 20. Isto porque apesar das regras da cultura do ordinário serem aplicadas a todos sem exceção, dentro do todo social/político/cultural que se queria homogêneo, muitos já não se encaixavam.

O homem moderno é o homem ordinário de Certeau que por ter que se enquadrar pertencia a uma lógica idealizada, todavia ao mesmo tempo não pertencia a lugar nenhum era o homem do não-lugar por ser descrito como universal. Precisamos pensar de que lugar estamos falando as premissas do universal. Em matéria de ocidente o universal é branco/rico/europeu, este é o padrão a ser seguido de homem moderno, dentro desta pauta não se encaixariam mesmo outros grupos. Ou seja, o universal era sempre algo representado por um grupo que idealiza sua visão de mundo para todos ou outros como determinante para viver a racionalidade escolhida pelo grupo que detém o poder e estabelece aquilo que deve ser conduzido para todos, portanto universal.

Nesse sentido, havia um perfil de homem moderno traduzido como universal que não interagia muito com a diversidade. No caso brasileiro, não interagia com a diversidade afro-pindorâmica. Nesse quesito, a diversidade sobrevivia na esfera da marginalidade, na fronteira, em vias de possíveis silenciamentos ou apagamentos, apesar de continuar existir.

A lógica de promover generalizações garante validar a ilusão esclarecedora do existir, assim age o homem ordinário, restringe sua subjetividade para se enquadrar, para ser aceito, para conviver em fictícia harmonia social, pois sabemos que as relações sociais são tensionadas o tempo todo justamente por não nos enquadrarmos de fato. Assim, através das relações espelhamos nosso comportamento para nos enquadrarmos querendo nos sentir fazer parte e algo que é definido como universal, mas nosso enquadramento é negociável o tempo todo, porque possuímos subjetividades diferentes uns dos outros e as exclusões do universal afetam as ações do grupo que não se veem, de fato, representados.

Portanto a racionalidade ordinária atua, porém sua atuação sempre será relativa dentro de uma perspectiva hegemônica. Os grupos que não se veem representados na lógica universal e tentam se relacionar às relações como estratégia de existir.

A quarentena reduziu nosso contato presencial causando reajustes de rotinas. Comportamentos endossados nas relações sociais ordinárias foram fragilizadas, o controle dos corpos não era tão presente. Para muitos o perfil ordinário de sujeito não precisava mais habitar os diferentes corpos, pois não eram mais devidamente vigiados.

Uma recondução do saber foi estabelecida, apesar das ações dos órgãos estatais acionarem regras, pequenos poderes eram fragilizados diante as relações coletivas, pois os corpos não se relacionavam presencialmente. Podemos pensar na ressignificação do espaço, da cultura das relações. Nos dizeres de Freud avaliados por Certeau (1980), percebe-se reformação do estar social, através da recondução do saber. O efeito quarentena afetou a todos enclausurados, na medida em que percebeu-se que muitas regras de controle social foram invalidadas. Ou seja, o efeito pandemia provocou alterações e redefinições da ordem generalizadora estabelecida. Um exemplo pode ser o fato de não sermos vigiados no ambiente de trabalho, trabalhando em “home Office” não há necessidade de se enquadrar na roupa que parece agradável aos olhos treinados a ver o que é belo ou feio dentro da lógica ordinária, ou não precisamos mais acompanhar programas culturais que não nos interessa para agradar alguém, só para citar exemplos bem simples de como na simplicidade a lógica ordinária agia sobre nossos corpos. Aliados em Certeau podemos vislumbrar a erosão que desenha o ordinário (Certeau, 1980, p.64)

Em relação à produção cultural a erosão da ordem cultural pode auxiliar como prejudicar. Em primeiro lugar, a proposta de continuar consumindo cultura parte de um espaço online, a produção virtual é facilitada por ser a internet um campo de produção cultural gratuito, isso facilita artistas e suas produções a saírem do anonimato, mas a

quantidade de programas online dificulta a adesão exclusiva daquele que consome, diante tantos outros programas culturais gratuitos torna-se necessário acionar gatilhos de fidelização do consumidor a consumir e voltar a consumir determinada produção.

A produção de cultura pode ainda permanecer ajustada a linguagem ordinária dos jogos táticos. Contudo o contexto da pandemia fez com que a humanidade se projetasse ainda mais no mundo on-line, um amplo espaço de integração social e compartilhamento de ideias. Mesmo assim não se foge a lógica autoritária simbólica quando percebemos estratégias de poder ajustadas a existir também de forma virtual.

O espaço virtual facilita a ampliação cultural de produções iniciais de sujeitos esperançosos de sair do anonimato. Isso pulveriza a aquisição cultural inibindo estratégias hegemônicas. Abre maior espaço a diversidade cultural e popular, pois muitas produções caseiras são adquiridas por sujeitos antes imersos na lógica ordinária diante as relações presenciais que lhe pressionava a estar/ser parte de algo que era regra. Somada a fragilização da regra às necessidades de se fazer presente, os sujeitos puderam experimentar novas estratégias de ajustes, ressignificação e compartilhar em rede suas ideias.

A internet já era um local mais democrático pré-covid-19. Contudo a pandemia evidenciou mais a diversidade postada em rede. A produção cultural via internet é tão eficaz que grandes empresas da comunicação televisiva passaram a promover programas online, como por exemplo, a BandNews, o G1, etc.

Falar de produção da cultura popular é refletir o espaço. De acordo com Certeau (1980) o espaço é utópico no sentido de ser idealizado enquanto um espaço em que se tenta silenciar grupos que não estão no poder. Porque o espaço é o local da polêmica, dos conflitos não diria escondidos nos dias atuais, mas é o espaço da troca em que as relações sociais ocorrem, onde a comunicação se apresenta em todos língua falada seja erudita, projetando uma cultura erudita, seja popular projetando a cultura de modelo popular. Portanto o espaço é de todos, mesmo que haja interesse e imposições dos grupos dominantes em manter alguns grupos na margem, é na margem que existe a possibilidade.

Historicamente o espaço social brasileiro se constituiu demarcando as diferenças e desigualdades entre a diversidade de grupos sociais, a relação de forças é um fato, não só dos poderes estabelecidos, como diz Certeau, mas da ordem das coisas constituídas historicamente que tentava evitar mudanças de status quo dos representantes do poder. Mesmo sem legitimidade se procurava utopicamente demarcar o espaço.

De acordo com Certeau (1980) não havia uma lei sobre a dominação do espaço, o espaço é lido como público, mesmo assim o fato de não ser totalmente pública se fazia muito presente nas instituições de segurança sobre justificativas de garantir a ordem pública. É no espaço público que se promovem tensões de recusa da ordem que se tenta impor como natural.

Todavia como já dizia Chauí (2014), ideologia está ligada a setores dominantes que definem as regras comportamentais. Nesse sentido conforme Castro (2019, p. 24) analisou, “grupos dominantes tendem, a defender seus discursos constituindo sentidos para aqueles que interagem naquela verdade”, mas ao ser construído um sentido universal de pensamento e cultura inibimos o caráter diverso que nos compõe enquanto seres socioculturais. A oferta de um sentimento único de identidade sociocultural apresenta fundamentação unificadora como referência, por exemplo: Humanidade, Liberdade, Justiça, Igualdade e Nação continua sendo uma estratégia de dominação.

Portanto é importante compreender como um determinado processo ideológico surge e é mantido dentro da diversidade e para isso precisamos recorrer ao conceito da categoria ideologia. O objetivo da ideologia é oferecer um sentimento único de identidade social, apresentando fundamentação unificadora como referência.

Marilena Chauí (2014) nos apresenta seu conceito de ideologia em que nos mostra que:

Ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros de uma sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um conjunto de ideias ou representações com teor explicativo (ela pretende dizer o que é a realidade) e prático ou de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuí-las à divisão da sociedade em classes, determinada pelas divisões na esfera da produção econômica. Pelo contrário, a função da ideologia é ocultar a divisão social das classes, a exploração econômica, a dominação política e a exclusão cultural, oferecendo aos membros da sociedade o sentimento de uma mesma identidade social, fundada em referenciais unificadores como por exemplo, a Humanidade, a Liberdade, a Justiça, a Igualdade, a Nação. (CHAUÍ, 2014, p.117 e 118).

Nesse sentido, sendo a ideologia um conjunto lógico sistemático e coerente de representações de ideias e valores acabam estabelecendo normas que definem os modos

de pensar, agir, sentir e fazer. Tal situação permite aos sujeitos organizar seu comportamento, assim ideologia confere sentido sem mencionar os problemas sociais. Conforme salienta a autora, o “discurso ideológico se sustenta, justamente, porque não pode dizer até o fim aquilo que pretende dizer”. (CHAUI, 2014, p.127). O objetivo da ideologia é oferecer um sentimento único de identidade social, apresentando fundamentação unificadora como referência.

Para Hall (2003), as ideias surgem de condições materiais, de experiências concretas, portanto, existe lógica e praticidade na ideologia, entretanto a concepção de mundo dos sujeitos não é exclusividade de um determinismo econômico, existem outros setores influenciadores e constituidores de discursos ideológicos. De acordo com Hall:

Por ideologia eu compreendo os referenciais mentais – linguagens, conceitos, categorias, conjunto de imagens do pensamento e sistemas de representação – que as diferentes classes e grupos sociais empregam para dar sentido, definir, decifrar e tornar inteligível a forma como a sociedade funciona. (Castro, 2019 apud HALL, 2003, p.267).

Como vemos, para Hall (2003), ideologia está ligada a conceitos e linguagens práticas que estruturam o poder. A sociedade brasileira é fruto do processo de colonização em que diferentes culturas estão em disputa constantemente em razão do processo de hierarquização racial de diferentes grupos étnicos que querem ver sua cultura representada. Apesar da cultura do ordinário se fazer universal e fixa entendemos que as ideias não são fixas, nem estão isoladas num pensamento coletivo. De acordo com Castro, o pensamento que formula a ideia não é exclusividade de classe ou grupo, pois a ideia surge da experiência concreta de cada ser humano promovendo raciocínios e linguagens diversas. (Castro, 2019)

É possível identificar no contexto de covid-19, a formação de novo espaço para produção cultural porque o comportamento de isolamento social promoveu novas consciências e concepções de mundo, pois permitiu “folga” do controle social. Nesse sentido não sofrendo a pressão direta da lógica ordinária e percebendo que determinada ideologia não se fazia tão dominante, promove-se espaço de reconhecimento do quanto o poder sobrecarrega a sociedade. O conceito de ideologia está para todos que estão em situação de dominação, mas se fragiliza-se a dominação, provoca-se mesmo que temporariamente o sentido de como a sociedade funciona.

Para Hall, ideologia é um verdadeiro problema quando as “[...] ideias diferentes tomam conta das mentes das massas e, por esse intermédio, se tornam uma força material”

(HALL, 2003, p.267). Isso significa dizer que ideologia está associada ao cotidiano, cotidiano nos leva a ação, comportamentos e práticas, ou seja as ideias são construídas na experiência prática, na vivência individual e coletiva. Se a realidade está para o confinamento, experimentar o confinamento nos leva a novas ações e pensamentos, assim surgem novas ideias que nos ajudam a viver, muitas vezes sobreviver. Se muitos de nós pudemos exercer o confinamento refletimos tal experiência e criamos um saber sobre ela. Por isso toda forma de saber, ou toda forma de pensamento social é ideologia, de acordo com Hall (HALL, 2003, p.268)

Partindo do pressuposto afirmado no parágrafo acima, podemos entender o desenvolvimento cultural como parte da prática comportamental experimentada dentro do contexto de covid-19. Para sobreviver diferentes grupos estão assumindo o espaço online e se reinventando.

Outra forma de reinvenção da cultura, especificamente a cultura popular ocorre por meio da apropriação. Por meio de apropriação da linguagem, ou como disse Certeau “trampolinagem” os sentidos se transformam, pois a cultura popular se opõe a cultura dominante por meio de um jogo de forças embora não haja comprometimento da ordem estabelecida (Certeau, 1998). Através de um jogo de possibilidades a cultura popular se inventa e reinventa, de forma sutil, tenaz e resistente alterando a regra do espaço opressor.

Na atual conjuntura, em que não há oportunidade de encontros presenciais os encontros ocorrem via on-line. Nesse sentido, conjecturam-se ao espaço on-line demarcações de poder e resistências. Conforme podemos identificar no número de lives – espaços de divulgação da rede social, antes usadas num sentido de promover conversas, mas que no atual contexto são espaços de divulgação cultural com shows de músicas.

Nesse sentido percebe-se a manipulação do espaço, antes definido para conversas nas redes sócias, logo foi ressignificado por um conjunto de produtores e seus artistas que precisavam de novo espaço para produzir seus produtos, assim Certeau descreveu como a “arte de fazer” (Certeau, 1980). Na atual conjuntura de enclausuramento a arte do fazer se promove em constante mutação e reajustes numa organização provisória porque opera dentro de possibilidades e incertezas, são as ressurgências das práticas populares descritas por Certeau (1980). A historicamente os grupos populares aprenderam a reinventar suas atitudes de sobrevivência. Empregram criatividade, rede de alianças, muitas vezes precisam abdicar por conta das tensões o poder dos grupos dominantes, mas não deixam de negociar sua presença no espaço, porque lutam para não sofrerem apagamento histórico/cultural. Portanto suas ações podem ocorrer de forma temporária e em

renovação constante a partir do momento em que se apropriam da situação para tirar vantagens

Conforme podemos notar nas considerações a seguir:

“Na realidade, diante de uma produção racionalizada, expansionista, centralizada, espetacular e barulhenta, posta-se uma produção de tipo totalmente diverso, qualificada como “cosumo”, que tem como características suas astúcias, seu esfarelamento em conformidade com as ocasiões, suas “piratarías”, sua clandestinidade seu murmúrio incansável, em suma, uma quase-invisibilidade, pois ela quase não se faz notar por produtos próprios (onde teria o seu lugar?) mas por uma arte de utilizar aqueles que lhe são impostos” (CERTEAU, 1980, p 94)

De acordo como foi sinalizado anteriormente, o contexto atual pulverizou o lugar da imposição, ou seja, fragilizou a ordem abrindo espaço para produções e consumos mais democráticos. Não há apenas grandes emissoras, ou empresas de produção produzindo, assim como nunca existiu uma imposição exclusiva sem resistência. O fato era que as instituições podiam se fazer mais presentes diante da presença de corpos em que se impunha docilizar, a partir do momento em que muito sujeitos puderam exercer seu enclausuramento, fragilizou a imposição de poder promovida pelos representantes das instituições da ordem ampliando e reforçando mais espaço para as diversidades que sempre existiram, mas eram excluídas, silenciadas, ou marginalizadas. Entretanto estar na margem é estar num campo de possibilidades.

Considerações Finais

O presente texto discutiu a dificuldade de se produzir cultura no cenário atual da pandemia de covid-19. Contudo identificou-se a possibilidade de reinvenção dos sujeitos e espaços buscados para a produção cultural.

Através de espaços online, percebeu-se a dinâmica das ações dos profissionais não só da cultura, como da educação, melhor dizendo de setores ligados a comunicação em manter o acesso as produções e produtos. Pode-se perceber o quanto o espaço on-line

permite maior variedade e publicidade de produtos em nível horizontal quebrando a ordem na qual estava inserido o “homem ordinário”. Dentro da própria ordem em crise novas maneiras de comportamento cultural foram criadas.

A cultura produzida pelos “excluídos sociais” é assistida no mesmo dispositivo online as lives de artistas famosos também ocorrem. Isso causa sensação de igualdade e noção dos privilégios em certa decadência. Pareando artistas anônimos e celebridades.

No espaço online é possível se reinventar, produzir e consumir cultura popular. Através das mídias sociais a cultura popular é propagada, saindo do silenciamento, mesmo que a marginalização socioeconômica ainda esteja presente o que provoca nos produtos maior investimento em criatividade, contudo a favela é vista como lugar em que a produção cultural ocorre como resultado de ações dos próprios moradores e o mais interessante nisso tudo é a percepção das contribuições dos diferentes grupos sociais, raciais, de gênero nas produções culturais que antes eram fruto de uma ótica hegemônica eurocêntrica, norte-americana, branca, patriarcal e machista que interpretava apenas pobreza, violência e exclusão nos grupos interpretados como minorias.

O espaço online e o confinamento permitiram maior flexibilidade no reconhecimento da importância em se viver a diversidade, derrubando as barreiras que tornavam invisíveis a produção cultural das minorias, o homem ordinário pode experimentar novas “ordens” e ideias, ou seja, novas visões de mundo.

Referências Bibliográficas

CASTRO. Lavini Beatriz Vieira. **Leituras Evangélicas frente ao estudo da Cultura e História do Negro na Educação Brasileira**. 2019. 261f. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico Raciais) - Programa de Pós-graduação em Relações Étnico Raciais, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, Rio de Janeiro, 2019

CERTEAU, Michel. *Artes de Fazer a Invenção do cotidiano*. Michel Certeau; Tradução Efraim Ferreira Alves – Petrópoles: Editora Vozes, 1998.

CHAUÍ, Marilena. Crítica à ideologia. In: _____. **Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Autêntica Editora, 2013, p:117-147.

GRAMSCI, Antônio, 1891 – 1937. **Cadernos do Cárcere, volume 2**. Antonio Gramsci; edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. – 2ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Stuart Hall; Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende... et al. – Belo Horizonte: Editora UFMG. Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

MORENO, Arlinda B. et al. **A pandemia de COVID-19 e a naturalização da morte**. Observatório Covid-19 Fiocruz, 2020.

Sites

JAKOVLJEVIC, Miro. Covid-19 pandemia and public and global mental health from the perspective of global health security. Hrcak, 2020. https://hrcak.srce.hr/index.php?show=clanak&id_clanak_jezik=344104. Acesso em: 29/07/2020.

AVENI, Alessandro. et al. Estratégias pelo trabalho no futuro devidos a pandemia covid-19, 2020. <http://periodicos.processus.com.br/index.php/ppds/article/view/187>. Acesso em 29/07/2020.

JUNIOR, João Henriques de Sousa. et al. “#fiqueemcasa e cante comigo”: estratégia de entretenimento musical durante a pandemia de covid-19 no Brasil, 2020. <https://revista.ufr.br/boca/article/view/Fiqueemcasa/2866>. Acesso em 29/07/2020.

Lei 14017 de 29 de junho de 2020. <http://www.cultura.df.gov.br/lei-aldir-blanc/#:~:text=A%20Lei%20federal%2014.017%2F2020,dificuldades%20financeiras%20durante%20a%20pandemia>. Acesso: 02/08/2020.

MASSALLI, Fabio. Favelas debatem e mostram a própria cultura em projeto. <https://www.acritica.com/channels/entretenimento/news/favelas-debatem-e-mostram-a-propria-cultura-em-projeto>. Acesso: 29/07/2020

PRADO, Samantha. Como é manter a arte viva em meio a uma pandemia?, 2020. <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2020/07/como-e-manter-a-arte-viva-em-meio-a-uma-pandemia/> Acesso: 29/07/2020

ZEFERINO, Livia. Isolamento forçado pela pandemia mostra como precisamos de arte, 2020. <https://www.plural.jor.br/noticias/cultura/isolamento-forcado-pela-pandemia-mostra-como-precisamos-de-arte/>. Acesso: 29/07/2020

HALAL, Fernando. Para onde vai a arte após a pandemia?, 2020. <https://www.furg.br/noticias/noticias-cultura/para-onde-vai-a-arte-apos-a-pandemia>. Acesso: 29/07/2020.

Neide Diniz. Arte em tempos de pandemia, 2020, (14m,12s) <https://www.canalsaude.fiocruz.br/canal/videoAberto/arte-em-tempos-de-pandemia-bcv-0005>. Acesso: 29/07/2020.

Schirato, Maria Aparecida Rhein . Novo normal: entenda melhor esse conceito e seu impacto em nossas vidas, 2020. <https://www.insper.edu.br/noticias/novo-normal-conceito/>. Acesso: 29/08/2020.

CANNABRAVA, Melissa. A cultura da rua em tempos de pandemia. 2020. <https://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/noticias/1448-a-cultura-da-rua-em-tempos-de-pandemia>

ROCHA, Camilo. O impacto do coronavírus na cultura. E o papel dos governos. 2020. <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/03/21/O-impacto-do-coronav%C3%ADrus-na-cultura.-E-o-papel-dos-governos>. Acesso: 08/08/2020.